

INFORMAÇÃO

Um dos dramas de quem trabalha em qualquer repartição brasileira no exterior são os pedidos de informação. Aparece um sujeito que plantou amendoim na África e dispõe de um bom capital e quer vir plantar amendoim no Brasil: quer informações sobre o preço de terras adequadas, os salários do trabalhador rural, leis econômicas, sociais e fiscais, situação da indústria de óleos vegetais, possibilidades do consumo de manteiga de amendoim, situação e perspectivas do mercado, etc., etc.

Se o funcionário tem boa vontade e paciência, ele pode, remexendo a sempre exígua biblioteca da repartição, dar alguns informes gerais, quase sempre um tanto atrasados. Para obter os outros, escreve para o Brasil; mas já sabe que está apenas transferindo sua perplexidade para outro funcionário do Rio de Janeiro. Se este homem for diligente e de boa vontade, ele deverá se dirigir a um sem número de serviços públicos e associações de classe para poder responder a algumas das perguntas; e o pior é que ele sabe que nem sempre pode ter muita confiança nos dados incompletos que lentamente vai conseguindo obter.

Já se fez, é verdade, alguma coisa para melhorar isso. Não apenas os serviços de estatística e os órgãos técnicos como também as organizações de classe vão, aos poucos, lutando contra os ministérios do Brasil, este país do "mais ou menos", do "parece" e do "dizem". A Confederação das Indústrias, por exemplo, já dispõe, graças a uma equipe de jovens estudiosos e pacientes, de um departamento econômico onde todos os dados interessantes sobre nossa economia vão sendo coletados, estudados, criticados, organizados, formando um material que serve de ponto de partida para quem precisa empreender um estudo objetivo sobre algum problema ligado à indústria.

Vejo agora uma publicação do Conselho Nacional de Economia que é outro aspecto da luta contra o empirismo e a vaguidão brasileira. Para poderem estar armados e opinar sobre os problemas econômicos ligados à seca do Nordeste, os conselheiros não se contentaram com as estatísticas e a literatura sobre o assunto. Mandaram um dos conselheiros, Humberto Bastos, visitar os Estados do Nordeste e fazer um relatório sobre a emergência, baseado não apenas nos dados que pôde juntar em cada lugar como também na observação própria, no estudo do ambiente, no exame prático dos fatores bons e maus da crise. A prática dessa espécie de reportagem econômica, capaz de trazer aos livros e aos números os elementos da realidade colhida ao vivo, é uma necessidade em qualquer país, e ainda mais neste nosso, tão móvel e difuso na sua formação.

A batalha da informação ainda é uma das grandes lutas a empreender no Brasil. Que imensas fortunas do povo ainda não se desperdiçam, e que monumentais tolices não se praticam ainda devido à nossa fundamental, tremenda falta de informação? De um lado o livresco, o aéreo; de outro lado o "homem prático" que sabe as coisas porque sabe, acha que a pesquisa econômica ou social é um luxo e, graças ao seu "boni senso", acaba praticando as mais vertiginosas bobagens. Se considerarmos, além desses dois tipos de administradores sinceros, os que não o são — os politiquinhos, os desonestos e os oportunistas — acabamos achando um milagre o fato deste país ainda funcionar de algum modo. Como é que isto cresce? Deve ser mesmo, como se diz, na hora em que esse pessoal está dormindo...

22/6/51 R. B.